

Em defesa da palavra

Juliana Lang Lima¹

“Só a literatura pode dar essa sensação de contato com outro espírito humano, com a integralidade desse espírito, suas fraquezas e grandezas, suas limitações, suas mesquinhas, suas ideias fixas, suas crenças; com tudo o que o comove, o interessa, o excita ou o repugna.”

(Michel Houellebecq, em Submissão)

Entregar à população cepeana mais um número de nossa estimada Revista é motivo de orgulho e satisfação, pois a cada edição temos a convicção de que as publicações do CEPdePA se fortalecem e consolidam. Nas páginas que seguem, o leitor encontrará um exemplar com abordagens e assuntos variados, mas se há um fio condutor que une boa parte dos escritos, podemos dizer que este é um olhar para a cultura, em suas diversas expressões.

Começando pela arte, terreno sempre tão próximo da psicanálise, encontraremos duas resenhas de livro além de dois ensaios e um artigo versando sobre filmes. Também o tradicional Prêmio Tuti flerta com o mundo artístico ao fazer uma aproximação da obra do poeta Manoel de Barros com conceitos freudianos. Em dois ensaios abordando vida e obra de Sigmund Freud, teremos a possibilidade de ler sobre sua profícua correspondência e a criação de conceitos a partir daí, assim como desfrutar de ideias acerca de um de seus textos finais. Ainda nessa edição, estão presentes reflexões a respeito do feminino e da formação analítica, incluindo o papel da instituição, o uso do divã e do binômio transferência/contratransferência como dispositivos para a escuta.

¹ Psicanalista, membro pleno do CEPdePA.

É interessante perceber que tanto a sugestão de leitura como as de filmografia tangenciam a mesma temática: as funções de cuidado exercidas pelos adultos e as primeiras relações com os objetos, sejam eles mãe, pai ou quem desempenhe seus papéis. Retomar as marcas de nascença deixadas por nosso desamparo faz ainda mais sentido no momento em que estamos vivendo, tendo em vista que 2018 foi um ano especialmente tenso no Brasil. Vivemos acontecimentos dramáticos, como a queima do Museu Nacional no Rio de Janeiro, passamos por turbulentas eleições presidenciais, sentimos-nos angustiados, divididos, sem pai nem mãe.

Retornar o olhar para os primeiros acontecimentos da vida pode ser uma importante contribuição para encontrarmos palavras que nos deem guarida. A condição infantil, inevitavelmente, remete a algo de submissão. Por meio de um nome e um sobrenome que nos são dados, carregamos algo de nossa origem, desde a biologia e a história da espécie humana até a trajetória individual de cada ser, que será muito particular, ainda que inserida em uma cadeia de gerações. Nesse processo, o tornar-se sujeito é uma conquista árdua, possibilitada por um outro que nos insira no universo das palavras. Como seres falantes, nos é possível comunicar, pensar, imaginar, divergir, crescer e, ao narrar, dar saídas para aquilo de inominável que chamamos de sofrimento.

Parece consenso a ideia de que atravessamos uma crise da palavra, visível tanto na literalidade com que ela vem sendo tomada quanto em fenômenos como a irresponsável proliferação de notícias falsas, que parecem desprezar o quão caro é esse instrumento - instrumento que pode informar ou alienar, constituir ou destruir. É assim que esse editorial, mais do que apresentar os textos dos colegas, que falam por si mesmos, tem por objetivo promover a defesa da palavra, isto é, resgatá-la de um lugar obscuro e desvalido e restaurar sua potência e o encantamento que é capaz de promover.

Ao longo desse ano, muito se debateu acerca da postura ética de um psicanalista em momentos de crise. Considerando as peculiaridades de nosso fazer e as individualidades dos psicanalistas, acreditamos que, se há uma ideia comum entre nós, esta é sobre trabalharmos com a verdade e com a possibilidade de dar palavras àquilo que ainda não ascendeu a este lugar. Com esse espírito, convocamos os colegas a seguir trabalhando em favor da transmissão da psicanálise, não somente

nas funções de analista, coordenador de seminário e supervisor, mas também pela via das publicações, deixando assim um testemunho de seu pensar e contribuindo para a formação das gerações futuras.

Foi com esse espírito que a Comissão de Biblioteca e Publicações decidiu quem seriam os convidados para nossa tradicional entrevista. Mirando nos tempos vindouros e na disseminação da psicanálise para além dos muros da instituição, nos pareceu uma escolha natural dar voz ao Coletivo Psicanálise na Praça, na expectativa de que pudessem dividir conosco algumas ideias a partir de sua ainda inicial experiência e trazer sopros de esperança para dias melhores.

Boa leitura a todos e a todas!